

Depoimento de Sam Kornhauser*

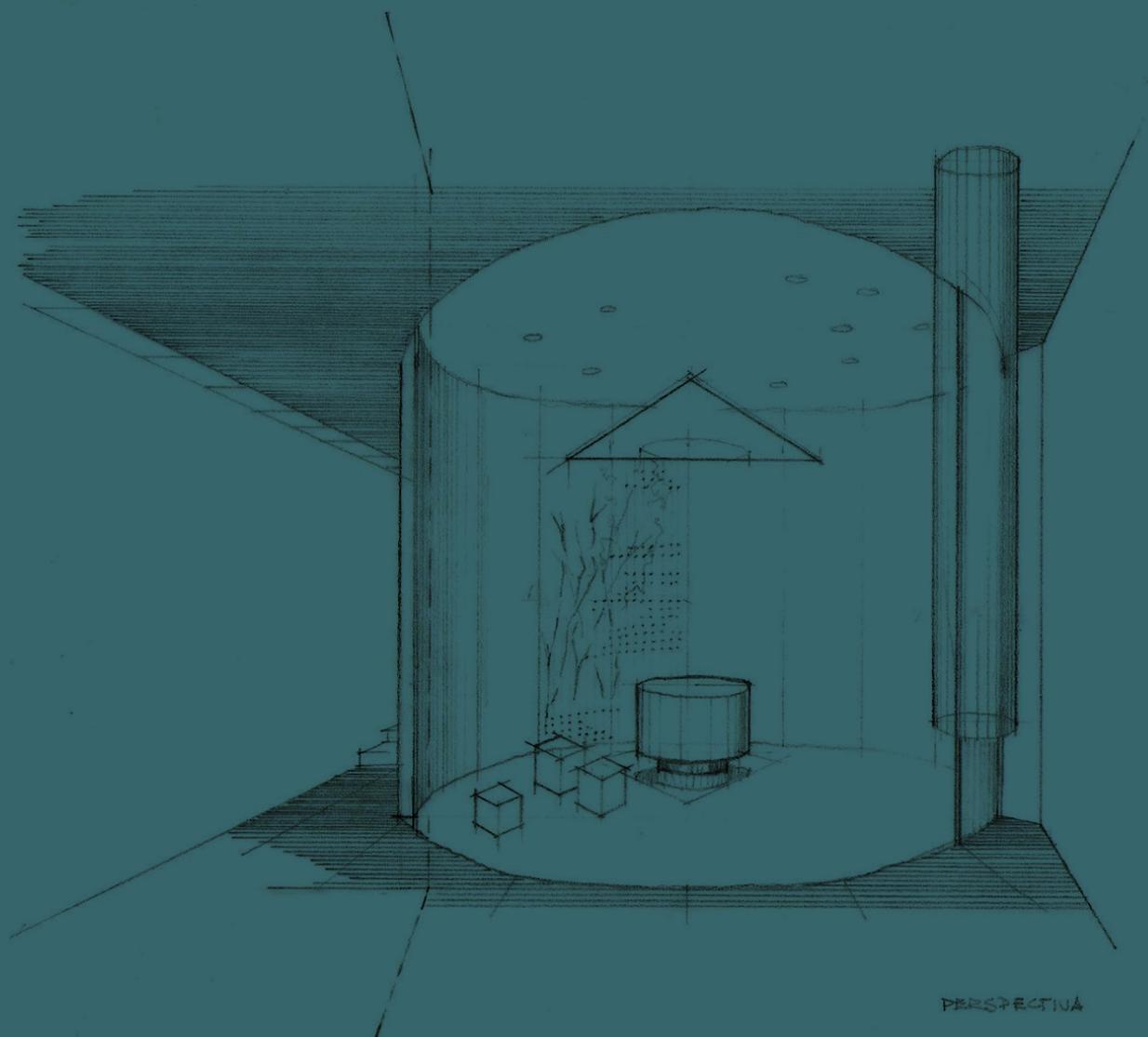


Figura da página anterior:

Projeto para capela do aeroporto de Congonhas, desenho de Jorge O. Caron. Fonte Acervo Jorge Caron. (Imagem acrescentada pelos editores desta edição temática ao presente texto)

The last time I saw Caron we went for dinner at a fast-food restaurant inside a deserted shopping mall outside of Sao Carlos. It was Sunday night; there was no other place to go. As we entered the mall our voices echoed off the hard surfaces. There were no other human bodies, except for a security guard, to absorb the sound of Caron saying with an ironic laugh, “Funny”. I had heard him use this word many times in the more than thirty years we knew each other. What he meant was, “what a strange situation!”. Here we were, in a place that embodied everything he spent a lifetime in architecture striving to change – *alienation, non-human scale, commercialization, authority* – sensing that we were about to have our last meal together. “Funny”.

We met in the office of Mauricio Tuck Schneider in the summer of 1966. I had just finished my first year of architecture school in the US and my uncle, who manufactured construction coatings and was Mauricio’s supplier, had arranged what today we would call an “internship” but was in fact, just a favor for a friend. Caron, a young architect who was the principal designer and spoke reasonable English, was put in charge of keeping me busy and out of trouble. However, he had a generosity of spirit which allowed him to ignore the fact that I knew nothing and couldn’t draw, *so he gave me an assignment that surprisingly predicted what my future professional life would become for the rest of my life.*

I had been drafting floor plans for a typical building in Sao Paulo at that time – a residential tower on top of a commercial base. He saw I was struggling with the ink pens, so he asked me to instead sketch some designs for a playground on the roof terrace. I spent the rest of the summer thinking about space from the point of view of a child and the experience of play even though I was barely past my own childhood and could only think in cliches. I did not know that within two years, during the political upheavals of the late ‘60s, I would join with fellow students to rebel against academic architecture to create a new path for myself – *designing learning and play places for children and leading communities in building them.* Many years later I realized that Caron’s genius as an educator was not in instruction; he did not teach me anything about architecture or drawing or design. His genius was in recognizing that I needed something else – friendship, cultural awareness, personal experience, and the joy of life.

He saw in me who I could become, not what I was, a formless 19-year-old with a naïve world view with a kindred sense of humor. He would take me out to eat with his artist friends and lovers and through food he introduced me to Brazilian culture. On my last day in the office, he and the other employees presented me with four records, a snapshot of the popular music of Brasil, which I still listen to today. MPB

* Sam Kornhauser: Bachelor of Architecture at City College of New York, Schoolworks Design Inc.

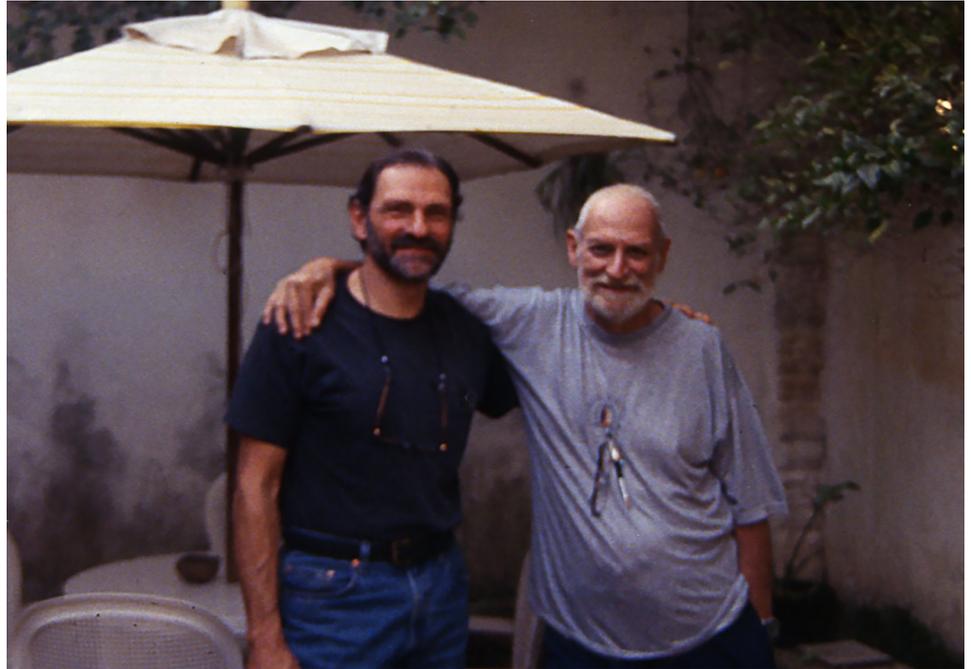


Figure 1: Sam Kornhauser (left) alongside Jorge Caron (right). Source: Sam Kornhauser.

Quatro, Elis e Jair, Zimbo Trio, Nara Leao. In the age of Spotify, the act of playing one of these LP's is a physical connection to those times and to him.

Every few years after that summer I would visit Sao Paulo to see my father and I would reconnect with Caron. One time I had just completed a 6-month trek from the top of South America, over the Andes, into the Amazon forest and through the Pantanal and at the end, when I reached Sao Paulo, he interrogated me for every detail over a large Chopp. I think he wanted to travel more than he had time for, and he took pleasure in my stories. He once took me to see his friend act in Chico Buarque's opera, *O Malandro* and then dropped me off at the airport. He opened the trunk of his car and handed me a cow skull as a traveling companion. The next time, I came back with a wife and baby son. Each visit marked the progress of our lives like entries in a diary.

He would take me on excursions to see his latest projects. He took me to Botucatu to see the medical school he designed when it was being built. I suggested that until a proper playground could be installed, maybe we could gather cardboard boxes from a factory, bring them to the courtyard of the children's clinic and just let them construct their own play space. The next day we did it. One trip to the construction site of a concrete church, we got stuck in a small hill town during a heavy flood and spent hours waiting for the rain to stop while eating and talking in a bar by the side of the road, as if it was a planned part of the itinerary.

In 1998, before our dinner in the shopping mall, I showed him a portfolio of the small, simple projects for children I had been doing over the years. I think he was truly surprised by the direction my life had taken, outside the boundaries of common

architectural practice but intimately involved with community people building things for their next generation and he was delighted. He said he wanted me to come back and make a presentation to the faculty and students at the university but there was no time. We said goodbye for the last time at a bus station in Sao Carlos. When I returned to Brazil a few years later for the funeral of my uncle, the one who had arranged for me to work in Mauricio's office, Caron was gone.

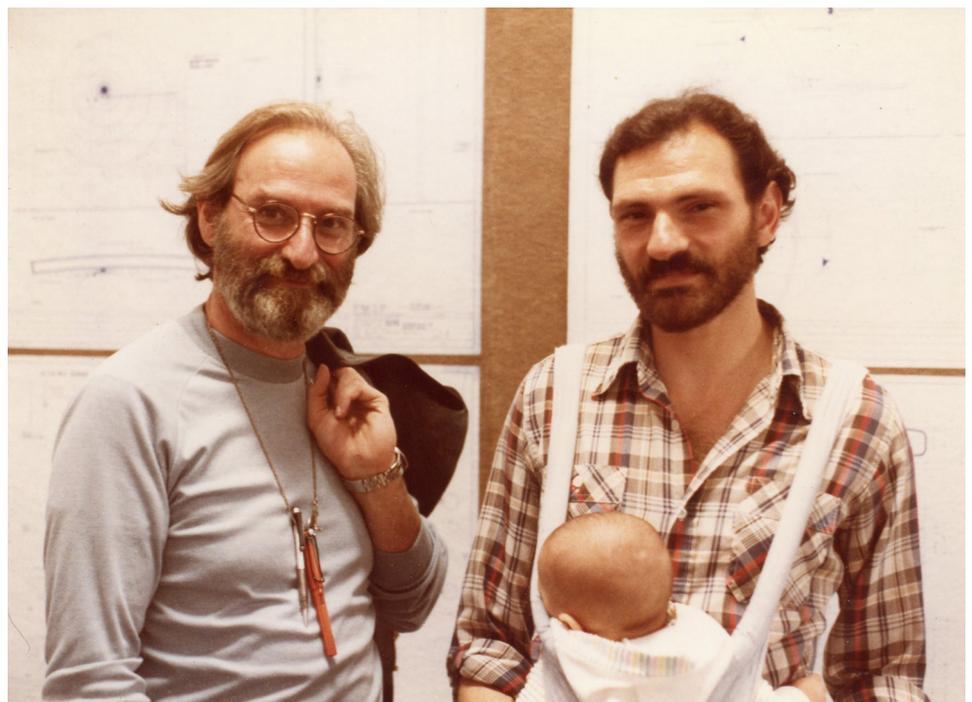
Caron was eleven years older than me when we met. And now, as I sit writing my memories of him, I realize that I am eleven years older than he was when he died. "Funny", I could hear him say. "So, I know a place that makes delicious moqueca..."

...

Tradução para o português do depoimento acima realizada por Amanda Saba Ruggiero

A última vez que vi Caron, fomos jantar a um restaurante de fast-food dentro de um centro comercial deserto nos arredores de São Carlos. Era domingo à noite; não havia outro lugar para ir. Quando entrámos no centro comercial, as nossas vozes ecoaram nas superfícies duras. Não havia outros corpos humanos, exceto um segurança, para absorver o som de Caron a dizer, com uma gargalhada irónica, "Engraçado". Já o tinha ouvido usar esta palavra muitas vezes nos mais de trinta anos em que nos

Figure 2: Sam Kornhauser (right) alongside Jorge Caron (left). Source: Sam Kornhauser.



conhecemos. O que ele queria dizer era: “Que situação estranha!”. Aqui estávamos nós, num lugar que personificava tudo o que ele passou uma vida inteira na arquitetura a tentar mudar - alienação, escala não humana, comercialização, autoridade - sentindo que estávamos prestes a ter a nossa última refeição juntos. “Engraçado”.

Conhecemo-nos no escritório de Maurício Tuck Schneider no verão de 1966. Eu tinha acabado de terminar o primeiro ano da faculdade de arquitetura nos Estados Unidos e meu tio, que fabricava revestimentos para construção e era fornecedor do Maurício, tinha arranjado o que hoje chamamos de “estágio”, mas que na verdade era apenas um favor para um amigo. Caron, um jovem arquiteto que era o principal projetista e falava um inglês razoável, foi encarregado de me manter ocupado e longe de problemas. No entanto, tinha uma generosidade de espírito que lhe permitia ignorar o facto de eu não saber nada e não saber desenhar, pelo que me deu um trabalho que surpreendentemente previa o que viria a ser a minha vida profissional para o resto da vida.

Na altura, eu estava a desenhar as plantas de um edifício típico de São Paulo - uma torre residencial em cima de uma base comercial. Ele viu que eu estava a ter dificuldades com as canetas de tinta, por isso pediu-me que desenhasse alguns projectos para um parque infantil no terraço do telhado. Passei o resto do verão a pensar no espaço do ponto de vista de uma criança e na experiência de brincar, apesar de já ter passado a minha própria infância e só conseguir pensar em clichés. Não sabia que, passados dois anos, durante as convulsões políticas do final dos anos 60, me juntaria a outros estudantes para me rebelar contra a arquitetura académica e criar um novo caminho para mim próprio - conceber locais de aprendizagem e de brincadeira para crianças e liderar comunidades na sua construção. Muitos anos mais tarde, apercebi-me de que o génio de Caron como educador não estava na instrução; ele não me ensinou nada sobre arquitetura, desenho ou design. O seu génio consistiu em reconhecer que eu precisava de algo mais - amizade, consciência cultural, experiência pessoal e alegria de viver.

Ele viu em mim o que eu poderia vir a ser, não o que eu era, um jovem de 19 anos sem forma, com uma visão ingénua do mundo e um sentido de humor afim. Levava-me a comer fora com os seus amigos artistas e amantes e, através da comida, apresentou-me à cultura brasileira. No meu último dia no escritório, ele e os outros funcionários presentearam-me com quatro discos, um retrato da música popular do Brasil, que ainda hoje ouço. MPB Quatro, Elis e Jair, Zimbo Trio, Nara Leão. Na era do Spotify, o ato de tocar um destes LP's é uma ligação física a esses tempos e a ele.

De tempos a tempos, depois desse verão, visitava São Paulo para ver o meu pai e reencontrava-me com Caron. Uma vez, eu tinha acabado de completar uma caminhada de 6 meses desde o topo da América do Sul, passando pelos Andes, pela floresta amazónica e pelo Pantanal e, no final, quando cheguei a São Paulo, ele interrogou-me sobre todos os pormenores com um grande Chopp. Acho que ele queria viajar mais do que tinha tempo para o fazer, e tinha prazer nas minhas histórias. Uma vez levou-me a ver o seu amigo atuar na ópera de Chico Buarque, O Malandro, e depois deixou-me no aeroporto. Abriu a mala do carro e entregou-me um crânio de vaca como companheiro de viagem. Na vez seguinte, regresssei com mulher e filho bebé. Cada visita marcava o progresso das nossas vidas como as entradas de um diário.

Ele me levava em excursões para ver seus últimos projetos. Levou-me a Botucatu para ver a escola de medicina que ele desenhou quando estava a ser construída. Sugeri que, enquanto não fosse possível instalar um parque infantil adequado, talvez pudéssemos recolher caixas de cartão de uma fábrica, levá-las para o pátio da clínica pediátrica e deixá-las construir o seu próprio espaço de recreio. No dia seguinte, fizemo-lo. Numa viagem ao local de construção de uma igreja de betão, ficámos presos numa pequena cidade de montanha durante uma forte inundação e passámos horas à espera que a chuva parasse enquanto comíamos e conversávamos num bar à beira da estrada, como se fosse uma parte planeada do itinerário.

Em 1998, antes do nosso jantar no centro comercial, mostrei-lhe um portfólio de pequenos e simples projectos para crianças que tinha vindo a realizar ao longo dos anos. Penso que ele ficou verdadeiramente surpreendido com o rumo que a minha vida tinha tomado, fora dos limites da prática comum da arquitetura, mas intimamente envolvido com pessoas da comunidade que construíam coisas para a sua próxima geração, e ficou encantado. Disse que queria que eu voltasse e fizesse uma apresentação aos professores e estudantes da universidade, mas não havia tempo. Despedimo-nos pela última vez numa estação de autocarros em São Carlos. Quando voltei ao Brasil, alguns anos depois, para o enterro do meu tio, que foi quem me arranjou o trabalho no escritório do Maurício, Caron já tinha ido embora.

O Caron era onze anos mais velho do que eu quando nos conhecemos. E agora, enquanto escrevo as minhas memórias dele, apercebo-me que sou onze anos mais velho do que ele quando morreu.

Recebido [Jan. 20, 2022]

Aprovado [Mar. 21, 2023]

“Engraçado”, ouvia-o dizer. “Então, eu conheço um sítio que faz uma moqueca deliciosa...”